

Dos nascidos em tempos líquidos.

“Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.”

Tomo emprestado o título de um livro de Zygmunt Bauman, filósofo e sociólogo polonês (1925-2017). Bauman explorou o conceito da modernidade líquida, no sentido da fluidez das nossas relações atuais em contraponto ao modo habitual de ver as coisas. Ao invés do futuro tradicional, bem elaborado, baseado na família e em profissões clássicas, opta-se por uma vida sem forma definida, veloz, móvel e inconstante. Seria preferível viver dez anos a mil do que mil anos a dez, como já nos disse o cantor Lobão, na canção *Décadence Avec Élégance*.

“Nascidos em tempos líquidos” é resultante da entrevista do filósofo, pouco antes da sua morte, para um jovem jornalista italiano, Thomas Leoncini. A diferença de idade entre ambos era de sessenta anos. Como muito bem resenhado por Graça Peraça¹, os dois discorrem sobre experiências contemporâneas, como “transformações líquidas” na pele: tatuagens, cirurgia plástica, hipster; transformações da agressividade, representadas pelo *bullying*; e as transformações sexuais e amorosas, com a derrocada dos tabus na era do amor *on-line*. O livro se torna atualíssimo nestes tempos pandêmicos, com ponderações sobre a flexibilidade do trabalho remoto, particularmente para nós médicos, com o iminente desafio da telemedicina.

A sociedade líquida destes novos nascidos é desgarrada de seus antecessores e é obcecada pela novidade: a nova notícia, o novo carro, a nova rede social, o novo tratamento. E o ponto crucial de tudo isso não é o fato da diferença entre uma geração e outra. O fundamental é que coabitamos simultaneamente no mesmo mundo. Talvez devamos buscar “a união entre a continuidade (os nasci-

dos em tempos sólidos) e a descontinuidade (os nascidos em tempos líquidos). Afinal, o que é o líquido sem a solidez do recipiente que o comporta?”¹

Nesta linha dos novos tempos líquidos, tenho meditado sobre os pacientes que atendi, junto com uma maravilhosa equipe multidisciplinar, nas enfermarias do Departamento de Clínica Médica do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná. Nestas três últimas décadas pude presenciar a extraordinária mudança do perfil dos doentes. Hoje são pacientes idosos, frágeis e com múltiplos diagnósticos. Óbvio, uma visão enviesada, por se tratar de um hospital terciário, de referência.

E, com muito cuidado, começo a pensar na máxima da navalha de Occam, uma heurística que utilizamos em nossos dilemas diagnósticos: explicações simples são preferíveis àquelas mais complexas, desde que o poder explicativo seja equivalente. É o princípio da parcimônia.

Guilherme de Occam (ou Ockam) foi um frade franciscano, filósofo e teólogo escolástico inglês do século XIII. É considerado um dos precursores do racionalismo, do cartesianismo e do empirismo moderno. De acordo com sua visão, não significa automaticamente que a explicação mais simples seja a mais correta. E sim que a formulação mais simples, que explique todos os dados, seja a preferida.

Em artigo recente no *American Journal of Medicine*², o médico inglês James Kelly debate qual a melhor abordagem diagnóstica nos dias de hoje para os pacientes com quadros clínicos complexos. Ele menciona trabalhos em que a parcimônia diagnóstica pode estar associada à subavaliação de diagnósticos secundários, principalmente

**DA BIBLIOTECA PESSOAL,
SOBRE O MESMO TEMA:**

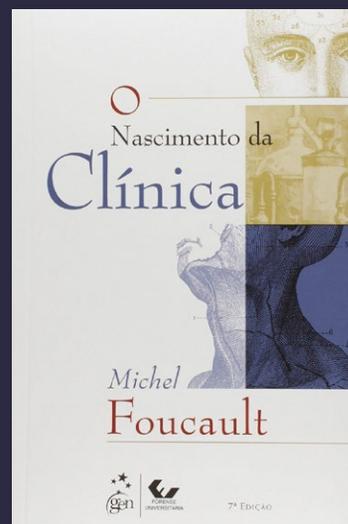
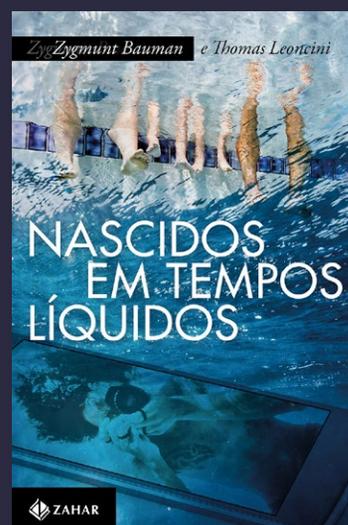
- Anotações de um jovem médico – *Mikhail Bulgákov*
- Admirável mundo novo – *Aldous Huxley*
- Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra – *Mia Couto*
- Para nascer nasci – *Pablo Neruda*

em pacientes com doenças crônicas. De acordo com o autor, a navalha poderia ser gradualmente substituída pelo princípio da plenitude, à medida que a idade, a fragilidade e as comorbidades aumentam. Este princípio é conhecido como o “Ditado de Hickam”, em homenagem a John Hickam (1914-1970), médico americano que, em tom jocoso, afirmou que *“a patient can have as many diagnoses as he darn well pleases”*²

O termo “clínico” deriva do grego *linikós*, de *klíno*, inclinar, ou *klíne*, leito. De modo que pode se entender que “clínica” indica a prática da medicina à beira do leito. Em mais um título que remete ao ato de nascer, Michel Foucault em “O Nascimento da Clínica”, aborda o surgimento dos hospitais, da anatomia patológica, a dissecação de cadáveres e o limite do invisível e do visível. Foucault afirma que o novo tipo de configuração que caracteriza a medicina moderna implica no surgimento de novas formas de conhecimento e novas práticas institucionais. A saúde substitui a salvação.

Novos tempos, tempos líquidos... *“O brave new world/That has such people in't!”* ❶

1. Graça Peraça - **Nascidos em tempos líquidos: Transformações no Terceiro Milênio** - Zygmunt Bauman & Thomas Leoncini. Cadernos Zygmunt Bauman - vol. 10, num. 23, 2020.
2. James Kelly - **The Diagnostic Approach in Complex Patients: Parsimony or Plenitude?** The American Journal of Medicine, Vol 134, No 1, p. 11-12, January 2021



O QUE DIRIA SHAKESPEARE:

“Tudo o que nasce deve morrer, passando pela natureza em direção à eternidade.”

MACBETH

“Faço o que todo homem faz. Não o seria se fizesse mais.”

MACBETH

“Ser ou não ser, eis a questão.”

HAMLET